



A HISTÓRIA DA MEDICINA VETERINÁRIA E DO ENSINO AGRÍCOLA NO BRASIL: entre a ciência e a política

Autores: Henrique Pinheiro Amaral Almeida SANTOS; Dr. Marcelo Henrique Nogueira DIANA

Identificação autores: Bolsista PIBIC-EM/CNPq; Orientador IFC-Campus Araquari

RESUMO

A pesquisa recompõe o cenário de construção do discurso científico da Medicina Veterinária, a partir da análise do contexto histórico em que a área ganhou a atenção do Estado, de cientistas, mas também de empresários e investidores industriais. Por meio da coleta e da análise de fontes históricas, buscamos compreender como, no Brasil, entre os anos de 1880 a 1950, o discurso científico da Medicina Veterinária ganhou espaço e se tornou legitimado diante de questões de saúde pública e do fortalecimento do mercado nacional e internacional de produtos agrícolas, em particular, na consolidação da indústria frigorífica de carne. O objetivo da pesquisa está em relacionar o projeto modernizador brasileiro, entre os anos de 1880 a 1950, ao campo de atuação do médico veterinário, com foco em seu discurso científico e tecnológico voltado para a economia agrícola.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Se o contexto científico de constituição da Medicina Veterinária nos leva a refletir acerca das diferenças de valores atribuídos à natureza animal em relação à natureza humana, encontramos propriamente no campo político a efetivação da íntima conexão entre saúde animal e saúde humana. Particularmente, a partir do desenvolvimento da microbiologia de Pasteur, a Medicina científica passou também a incluir a vida de organismos microscópicos, de estrutura biológica pouco simples,





no campo de preocupações da saúde humana. Isto porque, de acordo com a teoria de Pasteur, as patologias humanas podem ser causadas por processos infecciosos relacionados à transmissão de germes por agentes etiológicos microbianos. Este envolvimento entre microbiologia e saúde humana levou à fundação de uma série de experimentos com animais – então considerados agentes vetores – de modo a permitir localizar a etiologia de doenças que se propagavam em epidemias, como a varíola e a febre amarela. O combate aos vetores em campanhas de controle dos ciclos de reprodução dos animais transmissores, como o mosquito *aedes aegypti*, tomou cena neste contexto do começo do século XX no Brasil e no Ocidente, porém, não sem oposições (BENCHIMONL, 1999; CARVALHO, 1987). A relação entre biologia, saúde animal e saúde pública ganha forma neste momento, estabelecendo vínculos inéditos entre essas disciplinas e o Estado (BENCHIMOL, 2000).

Não obstante este interessante cenário de pesquisa, em recente dossiê dedicado ao tema da História da Medicina Veterinária na Inglaterra, publicado pelo importante periódico da área, *Social History of Medicine*, a historiadora Saurabh Mishra apresenta algumas das dificuldades enfrentadas pela historiografia da Medicina Veterinária britânica e o porquê da sua timidez diante de outros temas e objetos históricos. Aspectos como a fluidez entre os objetos da Medicina Veterinária e da Medicina humana, confusão ou pouca definição histórica sobre a identidade social e profissional do médico veterinário, além de questões contextuais imediatas, como a multiplicidade de frentes de atuação desses profissionais são algumas das razões apresentadas pela autora para a ainda baixa produção de pesquisas na área. De outra parte, Mishra enfatiza também o próprio





campo de produção de pesquisa histórica, que até as décadas de 1960 e 1970 ainda conjugava a história das ciências a partir de uma abordagem personalista, de contribuição de grandes personagens e sob esquemas de uma narrativa linear do progresso científico ao longo dos tempos (MISHRA, 2014, p. 4). A perspectiva historiográfica que historiciza as teorias da Medicina e contextualiza a construção histórica dos seus objetos de estudo é recente e ainda está para ser ampliada de forma a incluir o discurso da Medicina Veterinária, especialmente, analisando as suas relações com outros campos de valores sociais, como a economia, a indústria de alimentos e as políticas públicas.

METODOLOGIA

A pesquisa de fontes é realizada por meio do acesso *online* ao acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional, seção Hemeroteca Digital. Coletamos registros em periódicos acerca do comércio nacional e internacional de carnes e de espécies de gado, das políticas agrícolas no país, dos anúncios de animais e de açougues que repercutiam na criação do interesse e gosto para o consumo de carne e de outros derivados animais no país, formando uma cultura de mercado para o consumo animal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa encontra-se atualmente em coleta de fontes acerca da construção histórica da Medicina Veterinária e do Ensino Agrícola como práticas de saber. Foi possível localizar, no material de pesquisa em arquivo até o momento, algumas relações históricas importantes para compreender o contexto de





institucionalização da Medicina Veterinária e das escolas rurais no Brasil. Em particular, o médico veterinário aparece nas fontes coletadas como perito científico a arbitrar, junto com os inspetores da vigilância sanitária, sobre a saúde pública das cidades, vistoriando leis e regras baseadas no seu saber para a criação, o abate, o transporte e a exposição para a venda de produtos agrícolas, sobretudo, de carnes verdes pelos açougues.

Importante destacar que, neste aspecto, a saúde humana passa a ser relacionada à saúde pública, o que dava a ver a construção deste termo, *saúde pública*, não apenas para se referir à saúde de seres humanos, mas também para inserir neste contexto a saúde animal e a preservação de ambientes naturais como importantes medidas sanitárias. No Brasil, foi neste momento que o Ministério da Agricultura ganhou relevância institucional no interior do Estado, nas duas primeiras décadas republicanas, ao elaborar como uma das suas frentes de trabalho a modernização das práticas médicas veterinárias. Criado em 1909, o Ministério da Agricultura, da Indústria e do Comércio se desvinculava dos propósitos da antiga Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas criada por D. Pedro II (GABLER, 2012), marcando a novidade, enquanto signo de modernidade e progresso, do regime republicano. Pelo Ministério passariam temas relativos ao ensino agrícola, às práticas de produção no campo, bem como às políticas públicas de saúde e de higiene da população.

Neste sentido, a abertura das escolas rurais, a partir da década de 1910, revela a intenção de tornar este mercado de produtos animais aceite sob os parâmetros da ciência e da educação profissional. Nas primeiras décadas republicanas, portanto, a Medicina Veterinária passou a ser pensada como uma





aliada essencial no projeto modernizador do campo, sobretudo, das atividades de pastoreio, compondo, junto com as oligarquias e elites agrárias estatais, o epíteto da vocação agrícola do país na economia mundial. Elas também participavam do discurso eugenista do começo do século XX, o qual selecionava as raças de gado a partir das características desejadas para a “boa espécie” de criação. Desse modo, o discurso racial deste período da Medicina Social não se restringia apenas às diferenças atávicas dos diferentes tipos humanos e suas sociedades, como também incorporava a Medicina Veterinária e a indústria agrícola e posicionava a diversidade de animais de pastoreio em uma hierarquia de valores da raça a serem negociados no mercado de espécies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a saúde pública tenha jogado um importante papel sobre a institucionalização da Medicina Veterinária científica no Brasil, o seu maior investimento partiu justamente do mercado internacional de carnes – ressaltando aqui o importante papel da economia agro-exportadora naquele momento, como hoje, para o Brasil – e de produtores, nacionais e estrangeiros, que se estabeleceram na direção de ponta dessa nascente indústria de produtos agrícolas no século XX no país.

REFERÊNCIAS

- BENCHIMOL, Jayme. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteurinana no Brasil*. Rio de Janeiro: ED. UFRJ/FIOCRUZ, 1999.
- _____. A instituição da microbiologia e a história da saúde pública no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 5, n. 2, p. 265-292, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República*





que não foi. São Paulo Companhia das Letras, 1987.

MISHRA, Saurabh. An Introduction: Veterinary History comes of Age. ***Social History of Medicine***, vol. 17, n. 1, p. 1-24, 2014.

GABLER, Louise. ***A Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e a modernização do Império (1860-1891)***. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012.



INSTITUTO FEDERAL
Catarinense